

ASPECTOS DISCURSIVOS DA INTERAÇÃO INTERMEDIADA POR INTÉRPRETES DE LIBRAS NA SALA DE AULA DE MESTRADO EM DISCIPLINAS DE LINGUÍSTICA DA UFSC

Aline Miguel da Silva
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)
Dr. Markus J. Weininger
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Resumo:

O trabalho do intérprete é de extrema relevância considerando que torna possível a compreensão mútua em uma situação de sala de aula de pós-graduação. Em salas de aula com uma maioria de alunos ouvintes costuma haver uma baixa participação dos alunos surdos no discurso de sala de aula. Nesse estudo é analisada a participação concreta dos alunos surdos nas disciplinas de mestrado, na área da linguística da UFSC, mediada por intérpretes de língua de sinais. Os objetivos do trabalho são: documentar de forma quantitativa e qualitativa as interações dos alunos surdos na sala de aula e as estratégias aplicadas pelos intérpretes para permitir a participação ativa dos alunos das discussões em sala de aula. Leite (2008) traz importantes considerações acerca da troca de turnos no decorrer da conversação. Roy (2000) analisou a interação entre um aluno surdo e sua professora em uma situação fora da sala de aula constatando que o papel do intérprete é fundamental para que os alunos surdos tenham participação adequada na interação através da negociação de tomada de turnos facilitada pelos intérpretes. Van Herreweghe (2002) compara a interação entre surdos e ouvintes com e sem intérpretes em diferentes situações, sugerindo que com intérpretes os surdos permanecem mais passivos em relação à negociação da troca de turnos. Os dados para a presente pesquisa foram obtidos por filmagens realizadas com duas câmeras, uma focada nos intérpretes e a outra com foco nos alunos surdos do grupo. Os vídeos de cada câmera foram editados e alinhados para permitir uma sinopse sincronizada do discurso de sala de aula em LS e PB. O EUDICO Language Annotator – ELAN foi utilizado para a classificação dos tipos de interação. Foi verificada a existência de três tipos principais de interação: a comunicativa (interação dos alunos surdos com o professor e os colegas ouvintes sobre o tema da aula), a meta-comunicativa (interação dos alunos surdos com os intérpretes, p. ex., para esclarecer dúvidas a respeito de sinais usados) e a comunicação paralela (sobre assuntos não relacionados à aula). A aula utilizada como base para as reflexões dessa comunicação possui caráter dialógico, onde os alunos ouvintes do grupo interagem com muitos questionamentos vivos. Apesar disso, muitas das interações dos alunos surdos foram do tipo meta-comunicativo e muitas interações sobre o tema em discussão eram direcionadas aos intérpretes. Assim, a maioria não ultrapassava a barreira linguística entre os falantes de LS e PB. Os alunos surdos e os intérpretes formam um grupo à parte na sala de aula, permanecendo a maior parte do tempo na zona de conforto da LS. Os resultados do presente trabalho podem servir para discutir estratégias e metas de como os alunos surdos e os intérpretes podem alcançar uma participação maior dos alunos surdos no discurso de aula, e, assim, proporcionar aos intérpretes uma segurança maior no momento de tomar decisões a respeito de uma intervenção, por exemplo, para reivindicar o turno para um aluno surdo.

Introdução

Ao se falar sobre participação de indivíduos na conversação em grupo fala-se direta ou indiretamente sobre os mecanismos de troca de turnos. Sacks, Schegloff e Jefferson (1974 apud MARCUSCHI, 2006) afirmam que existem técnicas que regem esse mecanismo. Em uma delas, o falante corrente escolhe quem será o próximo falante e este, no momento oportuno, assume o turno; na segunda técnica, o falante corrente não escolhe quem será o próximo a falar, sendo assim, ocorre uma auto-seleção por parte dos interessados em assumir o turno. Não havendo escolha do falante corrente ou auto-seleção, o falante pode continuar com o turno.

Leite (2008) discute aspectos muito relevantes a respeito da análise da conversação em sua pesquisa. Ainda sobre os mecanismos de ordenação da conversação, o autor aborda as unidades de construção de turnos (*turn-constructional unit* – TCU) e os pontos de relevância para transição (*transitional-relevance place* – TRP). Esses dois pontos se relacionam, já que compreendendo as partes constitutivas de uma TCU, bem como o que caracteriza seu término, compreendem-se os TRP's e como ocorrem.

A coordenação dos turnos de fala acontece, de acordo com Leite (2008, p. 47-8), “pela capacidade que os então receptores de uma fala têm de identificar as ações num dado turno-em-curso e antever os seus possíveis pontos de completude, alinhando temporalmente suas próprias ações às do seu interlocutor de acordo com essas projeções”. A coordenação de todo esse processo pode estar baseado, ainda de acordo com o autor, em recursos lexicais, sintáticos, fonéticos, prosódicos e gestuais.

Também é interessante observar como acontece esse processo de coordenação na conversação quando há a presença de um intérprete mediando a participação dos sujeitos presentes. Roy (2000) realizou um estudo que possui como material empírico de análise um encontro entre um graduando surdo e sua professora, mediado por um profissional intérprete de língua de sinais americana. O encontro teve uma duração aproximada de quinze minutos e ocorreu na sala da professora onde a única câmera ficou localizada de maneira que enquadrasse os três participantes ao mesmo tempo.

A partir da situação observada, vários apontamentos puderam ser realizados. O principal deles gira em torno da troca de turnos entre os participantes do encontro, sendo um deles, o intérprete. Roy (2000) explica que as trocas de turno ocorrem entre aqueles que precisam da interpretação e o intérprete, ou seja, os interactantes não falam diretamente um para o outro, mas para o intérprete:

Tipicamente, o intérprete é o único que sabe ou pode facilmente utilizar estratégias conversacionais ou de discurso de ambas as línguas. Isso significa que o intérprete é um ativo terceiro participante que pode influenciar em ambas as direções e no resultado do evento, e que o evento em si é intercultural e interpessoal em vez de, simplesmente, mecânico e técnico (ROY, 2000, p. 6, tradução nossa)¹.

Também refletindo sobre a troca de turnos, porém, considerando a presença de intérpretes em interações entre surdos e ouvintes, Van Herreweghe (2002), realizou um estudo cujos dados foram retirados de contextos nos quais havia interações com a presença de intérpretes e interações apenas entre participantes sinalizantes a fim de fazer uma comparação acerca da participação dos sujeitos surdos nesses contextos.

O autor aborda os mecanismos de troca de turnos nas conversas das línguas faladas e, em seguida, nas conversas das línguas sinalizadas. Um de seus objetivos é descobrir como se dá a alocação de turnos. O autor aponta para uma interessante distinção entre troca de turnos em interações com duas ou mais pessoas:

Uma importante diferença entre a auto-seleção em uma conversação diádica e em uma conversação com múltiplos participantes, no entanto, é que quem quer que se auto selecione como o próximo falante em uma conversação com múltiplos participantes, pega o turno somente quando o falante corrente olha para ele ou ela em vez de olhar para qualquer outro participante. Então auto-seleção em uma conversa com múltiplos participantes nunca é puramente auto-seleção devido ao falante corrente ainda ter o poder de alocar o próximo turno por meio do olhar (VAN HERREWEGHE, 2002, p. 82-83, tradução nossa)².

Metodologia

Os dados analisados na presente pesquisa foram obtidos por filmagens realizadas com duas câmeras, uma focada nos intérpretes e a outra com foco nos alunos surdos do grupo de alunos matriculados em uma disciplina do programa de pós-graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC. Sendo no total de quatro participantes, dois alunos surdos e dois intérpretes que são denominados nesse estudo como aluna 2 e aluno 3 e intérprete 3 e intérprete 4.

¹ Typically, the interpreter is the only one who knows or can easily use the conversational or discourse strategies of both languages. This means that the interpreter is an active, third participant who can influence both the direction and outcome of the event, and that event itself is intercultural and interpersonal rather than simply mechanical and technical.

² One important difference between self-selection in a dyadic conversation and self-selection in a multiparty conversation, however, is that whoever self-selects as next speaker in a multiparty conversation will get the floor only when the current speaker looks at him or her rather than at any of the other participants. So self-selection in a multiparty conversation is never pure self-selection because the current speaker still has the power to allocate the next turn by means of eye gaze.

Os vídeos de cada câmera foram editados e alinhados para permitir uma sinopse sincronizada do discurso de sala de aula em língua de sinais e português. O programa computacional utilizado para a sincronização e classificação dos tipos de interação foi o EUDICO Language Annotator – ELAN.

Resultados

No decorrer da pesquisa foi verificada a existência de três tipos principais de interação: a comunicativa, que se configura na interação dos alunos surdos com o professor e os colegas ouvintes sobre o tema da aula; a meta-comunicativa, que é formada pela interação dos alunos surdos com os intérpretes, por exemplo, para esclarecer dúvidas a respeito de sinais usados; e a comunicação paralela, sobre assuntos não relacionados à aula.

Quanto às maneiras utilizadas a fim de fazer com que os alunos surdos participem mais das discussões em sala de aula, as atitudes observadas, inicialmente, foram perguntar ao próprio aluno se ele deseja externar a dúvida percebida por parte dele, atitude que parte do próprio intérprete, ou quando o aluno surdo levanta a mão mostrando que deseja pegar o turno, portanto, por auto-seleção. Também há momentos nos quais alguém realiza uma pergunta diretamente ao aluno surdo, escolhendo-o, portanto, para assumir o turno.

No trecho abaixo é possível observar que a aluna surda tem uma dúvida:

00:42:40 – aluna 2 pergunta: “Nome é empoderamento?” ... “Existem significados diferentes”.

A ils 3, então, pergunta se aluna quer externar essa opinião e ela nega.

Essa é considerada uma interação comunicativa porque a dúvida da aluna em questão é referente ao assunto que está sendo discutido pelo grupo, no caso, o que significa o termo “empoderamento” e suas implicações sociais na prática.

Nesse caso, a aluna 2 mostra que possui um questionamento à intérprete que pergunta se ela quer que a dúvida seja interpretada aos demais do grupo e ela nega. Não houve a participação da aluna nas discussões do grupo, mas essa não inserção se deu pela vontade da mesma.

00:00:54 – a aluna 2 levanta a mão para perguntar, mas desiste. Em 00:01:00 levanta novamente a mão e pede para que a ils 4 pegue o turno quando o momento for propício.

No trecho acima, a aluna 2 levanta a mão com o intuito de tirar uma dúvida quanto ao que está sendo discutido, o que caracteriza a interação também como comunicativa. A aluna 2

tenta o que seria uma auto-seleção, porém, os alunos ouvintes faziam a troca de turnos, fazendo o diálogo sobre o assunto continuar. Seria responsabilidade das intérpretes deixar claro quando seria o ponto de relevância para a transição para que a aluna 2 conseguisse assumir um turno. Porém, essa não é uma função simples dentro de um grupo no qual mais de uma pessoa pode ser um candidato a próximo falante. A transição de turnos entre falantes da mesma língua é mais rápida quando comparada à transição que passa pela interpretação.

Nessa situação a intérprete ainda estava respondendo à uma não compreensão do aluno 1 em relação à interpretação, deixando de interpretar a continuação do diálogo. Em 00:01:37 a intérprete 4 diz em voz alta, na tentativa de pegar o turno: “É.. só uma...”, mas não consegue pegar o turno. A aluna 2 conseguiu fazer expor sua questão em 00:01:43 do vídeo porque a falante corrente anuncia: “a aluna 2 queria falar”.

O trecho abaixo também mostra uma interação comunicativa, pois caracteriza um diálogo direto entre o professor o aluno 3, no qual o professor inicia fazendo uma pergunta ao aluno:

00:32:24 – O professor diz que está achando o aluno 3 muito calado hoje e pergunta se ele está com sono. O aluno responde: “Calado? Precisa perguntar mais? Às vezes, faço reflexões e fico mais calado. Desculpe” [...] O aluno faz um sinal de positivo e sorri e levanta os ombros quando o professor diz que é apenas uma observação e que pode ficar à vontade. A aluna 2 também sorri.

Para deixar claro que o professor estava falando como aluno 3 a intérprete 4 olha para o aluno e interpreta a fala do professor.

Acima, foram observados exemplos de interações comunicativas. Agora serão expostos exemplos dos outros dois tipos de interação observados durante a pesquisa. A interação meta-comunicativa, como já mencionado, é aquela na qual se demonstra dúvida tanto à língua de sinais quanto à língua portuguesa ou quando se demonstra compreensão do que foi interpretado como se pode ver respectivamente nos trechos a seguir:

00:28:31 – O aluno 3 pergunta “50 L”? E a ils realiza novamente os sinais “500 ml”. O aluno então arca as sobrancelhas e acena positivamente com a cabeça.

00:03:15 – O aluno 3 confirma positivamente com a cabeça assim que a intérprete 4 digitaliza o nome “Fiorin”.

Nesse último trecho, o aluno 3 demonstrou que havia entendido a soletração da intérprete e que ela era suficiente, pois ele havia entendido a informação. No terceiro tipo, de

comunicação paralela, estão as produções feitas pelos alunos surdos que não têm relação com o tema discutido em sala de aula pelo grupo:

00:48:10 – A aluna 2 pergunta para intérprete 4 de quem é o celular usado para marcar o tempo de troca entre as intérpretes.

A aula utilizada como base para as reflexões dessa comunicação possui caráter dialógico, onde os alunos ouvintes do grupo interagem com muitos questionamentos vivos. Apesar disso, muitas das interações dos alunos surdos foram do tipo meta-comunicativo e muitas interações sobre o tema em discussão eram direcionadas aos intérpretes. Assim, a maioria das interações não ultrapassava a barreira linguística entre os falantes de língua de sinais e de língua portuguesa.

Discussão

As discussões o tipo de participação de alunos surdos em salas de aula que necessitam da presença do intérprete são relevantes para que se reflita a real inserção desses sujeitos na interação.

Para isso é interessante adentrar um pouco mais nos estudos que pesquisam a troca de turnos em conversações, mas também deve-se atentar para situações interacionais nas quais os participantes não compartilham a mesma língua, necessitando a presença do intérprete o que faz com que ocorram alterações na dinâmica dos encontros.

Nesse estudo em especial, a interação interpretada não ocorre em conversações espontâneas, mas no contexto de sala de aula, o que traz outras características que precisam ser consideradas na análise dos dados.

A partir de esclarecimentos e reflexões a respeito dessas questões, é possível que sejam traçadas estratégias a fim de que a participação de alunos surdos ocorra de maneira mais ativa nas interações em sala de aula, evitando que questionamentos se restrinjam apenas ao grupo dos usuários da língua de sinais na sala porque a interação em sala de aula é uma prática importante para que dúvidas sejam esclarecidas e o conhecimento de todos aprimorado.

Referências bibliográficas

LEITE, T. A. A segmentação da língua de sinais brasileira (libras): Um estudo linguístico descritivo a partir da conversação espontânea entre surdos. 2008. 280 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8147/tde-25092008-160005/pt-br.php>> Acesso em: set. 2011.

MARCUSCHI, L. A. **Análise da conversação**. 5. ed. São Paulo: Ática, 2006.

ROY, Cynthia B. **Interpreting as a discourse process**. New York: Oxford University Press, 2000.

VAN HERREWEGHE, M. Turn-taking mechanisms and active participation in meetings with deaf and hearing participants in Flanders. In: LUCAS, C. (Ed.). *Turntaking, fingerspelling and contact in signed languages*. Washington, D.C.: Gallaudet University Press, 2002. p. 73-103.